



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

GESTÃO DO TEMPO EM GRUPOS DE TERCEIRA IDADE

Eliane Jost Blessmann, Lucas Graeff (orient.)
UNILASALLE

Resumo

O problema de pesquisa consiste em investigar como se dá a gestão do tempo pelos idosos que frequentam o CELARI. Trata-se de compreender as relações entre as trajetórias individuais e suas maneiras de pensar os usos do tempo livre na interseção com a proposta de atividades de lazer da instituição.

Palavras-chave: *gestão, tempo, idosos*

Área Temática: Memória social

1. Introdução

Este trabalho apresenta uma primeira versão do projeto de doutorado em Memória Social e Bens Culturais. O problema de pesquisa consiste em investigar como se dá a gestão do tempo pelos idosos que frequentam grupos de Terceira Idade, tendo como referência o Programa CELARI (Centro de Estudos de Lazer e Atividade Física para Idosos), projeto de extensão da UFRGS. Tal problema deriva de um interesse pessoal – a questão do tempo me é particularmente caro – e de uma pesquisa sobre memória coletiva, sociabilidade e acessibilidade liderada pelo meu orientador, professor Lucas Graeff no Unilasalle. Trata-se de compreender as relações entre as trajetórias individuais dos idosos que frequentam os grupos de terceira idade e suas maneiras de pensar os usos do tempo livre na interseção com as propostas de atividades de lazer da instituição.

O programa oferece atividades físicas, sociais e culturais para os idosos facultando a sua participação diária em diferentes oficinas. A escolha das atividades e a frequência de participação no programa dependem do interesse e da disponibilidade de cada um, podendo participar de dois a cinco dias por semana em uma ou mais atividades.

Tendo em vista a variabilidade na participação dos idosos no projeto, a gama de atividades direcionadas a este público por diversas instituições e ainda seu compromisso com a família, resta saber como fazem a gestão de seu tempo. Algumas questões nortearão o trabalho de pesquisa tais como, o tempo que dedicam a participação no projeto e demais atividades que desenvolvem no tempo livre caracterizando-as como lazer ou não; a influência das práticas discursivas sobre a terceira idade nas suas opções e seu comportamento diante dessas e a relação que estabelecem com as atividades praticadas considerando as diferentes funções do lazer.

Para os fins deste trabalho, abordarei os marcos teóricos que guiam minhas reflexões. De início, contextualizarei a pesquisa, considerando o histórico dos grupos de Terceira Idade no Brasil. Em seguida, discuto o direito ao lazer na Terceira Idade. Após esses dois primeiros momentos, aprofundarei os conceitos de lazer e tempo livre por meio de autores clássicos, em particular Dumazedier, Elias e Dunning. Por fim, esboço algumas ideias sobre a gestão do tempo na Terceira Idade.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

2. Grupos de Terceira Idade no Brasil

Os grupos de Terceira Idade surgem no Brasil na década de 1970, impulsionados pela experiência francesa, pois a França já vivia a realidade do envelhecimento populacional e precisou encontrar alternativas de ocupação para a expressiva parcela da população que estava se aposentando. Às atividades de convivência, artesanais ou esportivas desenvolvidas nos clubes de idosos foram introduzidas atividades como meio de formação ou de autoformação e em 1973 foi criada em Tolosa a primeira universidade da terceira idade seguindo-se de outras com diferentes denominações, universidade “Inter-idades”, universidade do “tempo livre”, com orientações culturais e sociais específicas (DUMAZEDIER, 1994)

No Brasil o trabalho pioneiro com adultos maiores e aposentados foi o do SESC que na década de 60 fundou os primeiros grupos de convivência e na década de 70, as primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade (CACHIONI, 2003; DEBERT, 1999). Entretanto, tais atividades estavam direcionadas a um público restrito, aos seus associados. Também na década de 70, como programa governamental, o INSS dá início ao trabalho com aposentados criando grupos de convivência, tendo sido este programa transferido para a LBA direcionando suas ações não só aos aposentados, mas a população idosa com baixo poder aquisitivo. Enquanto o SESC trabalhava com a terminologia de Terceira Idade, por orientação francesa, os programas governamentais criados adotaram como denominação “idosos”.

O termo “terceira idade” passa a ser empregado formalmente pelas universidades, que seguem o modelo francês, criando “Universidade Aberta a Terceira Idade” desde a década de 80, mas com franca expansão somente a partir de 1990. O envolvimento das universidades, sendo mais correto dizer das Instituições de Ensino Superior por abranger instituições de ensino com diferentes naturezas jurídicas, se dá com programas com diferentes denominações e diferentes formas de intervenção, desde a pesquisa a extensão com prestação de serviços. Apesar dessas diferenças, Cachioni destaca elementos comuns em suas propostas que replicam as idéias francesas como a preocupação com a qualidade de vida do idoso, promoção da saúde, participação e autonomia, oferta de oportunidades educacionais e culturais que permitam o desenvolvimento pessoal e coletivo e inserção social dos idosos.

3. O direito ao lazer na Terceira Idade

O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade assegurado no Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003 – cap. V, art. 20) e sua participação em atividades culturais e de lazer será proporcionada mediante descontos de pelo menos 50% nos ingressos para eventos artísticos, culturais, esportivos e de lazer, bem como o acesso preferencial aos respectivos locais (art. 23). Entretanto, entendo que a garantia de um direito não é suficiente para estimular a sua prática, o que pressupõe uma mudança de habitus (BOURDIEU, 2002) inspirada por novos valores, quando os idosos conquistam um “tempo para si”, liberados de obrigações familiares e de trabalho.

O que se verifica é que nem todo o tempo disponível dos idosos é direcionado ao lazer, como também são diferentes as práticas de lazer no tempo livre. O estudo realizado por Doimo, Derntl e Lago (2008) apontou o uso do tempo diário de setenta e cinco idosas por meio de suas atividades cotidianas e verificaram que parte significativa do tempo destinou-se às atividades obrigatórias, tais como ocupações domésticas e cuidados pessoais e, nos horários livres, ao entretenimento televisivo. Esta realidade difere daquela que é vivenciada pelas mulheres que se sentem liberadas de suas obrigações familiares e aderem aos grupos de idosos, fazendo desta a sua principal atividade de lazer. Portanto, o que se pode constatar é que a velhice se apresenta heterogênea com diferentes expectativas e necessidades cabendo a sociedade e ao governo iniciativas distintas de forma a contemplar as diferentes realidades.

Na realidade, o que se observa é que os grupos de idosos se expandem. Com uma nova concepção sobre a velhice subentendida como “terceira idade”, que se opõe a velhice



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

estigmatizada, esta etapa da vida antes concebida como um período de perdas passa a ser compreendida como uma fase a ser aproveitada. A visibilidade alcançada pela velhice transformou-a em uma questão pública, cuja gestão é socializada e um conjunto de intervenções é definido e implementado pelo Estado e sociedade (DEBERT, 1999).

No que diz respeito ao Estado, o direito ao lazer reconhecido na agenda política não parece constituir uma prioridade das administrações públicas diante das opções ainda restritas que se apresentam, face a demanda cada vez maior por parte deste segmento da população em franca expansão. Muitas das ofertas estão restritas a participação em grupos de convivência sem o estímulo para novos interesses e a inserção na comunidade.

4. Lazer e tempo livre

O lazer e as diferentes concepções adotadas pelos estudiosos na área seguem em debate no Brasil, sem ignorar a influência de Dumazedier até os dias de hoje. Os elementos por ele apontados como constitutivos do lazer continuam sendo referência para a compreensão do lazer, sendo destacado o caráter liberatório, desinteressado, hedonístico (busca de um estado de satisfação) e pessoal para sua definição como “conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais” (DUMAZEDIER, 1973, p. 34). Para este autor o lazer é definido, sobretudo, por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana, embora só possa ser compreendido dentro de uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se ligam entre si e reagem uns aos outros e a sua função primeira seria a liberação e prazer.

Nesta mesma linha Elias e Dunning (1992) apontam que só uma porção do tempo livre, na relação com o trabalho, pode ser voltada ao lazer, no sentido de uma ocupação escolhida livremente e não remunerada, escolhida, antes de tudo, porque é agradável para si mesmo. Distinguem cinco esferas diferentes no tempo livre das pessoas que representam categorias diferentes de atividades: (1) trabalho privado e administração familiar; (2) repouso; (3) provimento das necessidades biológicas; (4) sociabilidade; (5) a categoria das atividades miméticas ou jogo. Essa tipologia pode servir para esclarecer que nem todas as partes do tempo livre podem ser utilizadas para o lazer. Quanto aos elementos constitutivos do lazer destacam três categorias: sociabilidade, mobilidade e imaginação.

A sociabilidade é elemento constitutivo do lazer também para Simmel (1983). Para ele o lazer é parte integrante da vida cotidiana das pessoas, presente na dinâmica cultural e que pode ser compreendido, também, como uma forma de sociabilidade, de relações que se estabelecem podendo estas serem destituídas de interesse prático, sustentadas apenas pela ludicidade do momento que se expressa por diferentes formas como alegria e prazer.

A principal crítica a Dumazedier advém da atribuição a características distintas entre lazer e trabalho com o argumento que entre estes não existem fronteiras absolutas na vida cotidiana. É criticado também por situar o lazer como um “conjunto de ocupações” restringindo o fenômeno à prática de determinadas atividades. O lazer é redimensionado por Marcellino (1987) como a cultura compreendida em seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível. Compreendido como manifestação cultural, supera o entendimento de conjunto de ocupações (GOMES, 2004).

O conceito de lazer evolui, conforme demonstra Gomes, para uma dimensão da cultura construída socialmente a partir de 4 elementos inter-relacionados:

- tempo: que corresponde ao usufruto do momento presente e este não está limitado aos períodos institucionalizados como final de semana e férias;
- espaço-lugar: que vai além do espaço físico convencional para encontros ou para atividades;



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

- manifestações culturais: entendidas como conteúdos vivenciados como fruição da cultura, seja como possibilidade de diversão, de descanso ou de desenvolvimento;
- ações (ou atitude) – estas são fundadas no lúdico compreendido como expressão humana de significados da/na cultura referenciados na forma de brincar consigo, com o outro e com a realidade.

O tempo, que é objeto de nosso trabalho, é inerente ao lazer seja na forma de liberado, seja em oposição ao trabalho, enfim, é um tempo disponível. Está entre os tempos sociais e é um tempo “dominante”, usando a expressão de Dumazedier (1994), entre os idosos. A compreensão de tempo social aqui sugerida é a de Durkheim (1996) partindo do princípio de que o ritmo da vida social está na base da categoria tempo, havendo um ritmo da vida coletiva, um outro na vida individual e, de maneira mais geral do universo (p. 503). Só podemos conceber o tempo se nele distinguirmos momentos diferentes, um tempo organizado e pensado por todos os homens de uma mesma civilização (p. XVII).

5. Primeiros apontamentos sobre a gestão do tempo livre

Sendo o tempo um elemento constitutivo do lazer, trabalhamos com a hipótese de que nem todo o tempo livre é direcionado para o lazer. No caso dos idosos, muitas atividades relacionadas a compromissos com familiares e cuidados com a saúde, por exemplo, ocupam grande parte do seu tempo e, nem sempre, proporcionando-lhes o prazer e a satisfação almejadas no lazer. A perspectiva do lazer é materializada nos grupos de terceira idade abrindo-se como perspectiva para novas experiências que oportunizem o desenvolvimento de potencialidades e de realizações até então inalcançadas. Os programas de terceira idade são formas privilegiadas de ampliação do círculo de amizades e de novos espaços de ação. Esses espaços orientam as ações na vida moderna enquanto os costumes tinham esse papel no contexto tradicional, e tem como referência características fundadas no capitalismo e, conseqüentemente, no consumismo.

A gestão do tempo livre, pressupondo a disponibilização para as atividades de lazer e a escolha pelas atividades, pode ser analisada contemplando a identificação e análise dos movimentos dos idosos na relação com o lazer, a partir dos conceitos de atenção/tensão e dispersão/distração (GAGNEBIN, 2014).

A atenção/tensão e os demais movimentos de concentração, recolhimento, cuidado e contemplação levam a autorrepressão do sujeito estético que para poder escutar deve permanecer imóvel, analisados sob o ponto de vista do capitalismo, para sugerir uma iniciativa revolucionária como resolução para o bloqueio. A contemplação seria a forma mais elevada da atenção, mas ela não produz libertação, seria uma prática muda e surda, desprovida de conseqüências emancipatórias.

O lazer, pelo seu caráter lúdico, pressupõe os movimentos de dispersão/distração. Os impulsos miméticos e lúdicos, que impelem a distração no sentido do desvio e da brincadeira, são opostos ao trabalho e devem ser domados quando o fim é a produção e o lucro, portanto devem ser canalizados e restringidos a esfera do lazer.

Os movimentos de distração/dispersão se aproximam do hedonismo de Dumazedier e da excitação de Elias e Dunning, que é espontânea e que se contrapõe a vida ordeira e cotidiana. Por isso entendo que a presença desses elementos nas ações empreendidas pelos idosos possibilitará a compreensão da gestão do tempo entre os idosos que freqüentam grupos de terceira idade.

Mas o campo do lazer não é tão ingênuo como possa parecer. Também no lazer os sujeitos podem ser simultaneamente impedidos de distrair-se e obrigados a uma distração, a um divertimento imposto, como alerta Gagnebin ao referir-se a esfera bem controlada do lazer. Na perspectiva da autora, a pulsão mimética e lúdica, que identifico na terceira idade, pode não ser a pulsão ativa e inventiva, mas passiva e obediente na propensão induzida a consumir mercadorias compensatórias de relaxamento e distração, produzidas na indústria cultural, ao meu ver, extensivas ao lazer.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

Esses movimentos podem ser identificados e analisados a luz da teoria da governamentalidade de Foucault (2010) atentando as práticas discursivas, técnicas e procedimentos empreendidos na condução dos comportamentos. Corresponde a análise de um poder que não se restringe as instituições de poder ou as formas gerais de dominação, mas aquele que é difuso e, aparentemente silencioso. Como prática discursiva destacamos a legislação, consubstanciadas em políticas de lazer, de saúde, do idoso, etc., que são também procedimentos de governamentalidade. O envelhecimento ativo é o discurso que circula influenciando as ações dos idosos que são simultaneamente sujeitos e reprodutores dos códigos culturais.

Considerações Finais

Partindo do pressuposto de que na velhice há uma predominância de tempo livre do trabalho e demais obrigações interessa-nos saber como os idosos fazem a gestão de seu tempo. Com que atividades se envolvem? Qual o tempo destinado ao lazer? O que as impulsiona? Trata-se, portanto, de compreender as relações entre as trajetórias individuais dos idosos que frequentam o grupo de terceira idade e suas maneiras de pensar os usos do tempo livre na interseção com as propostas de atividades de lazer da instituição, tendo como referência os conceitos de lazer de Dumazedier e Elias e Dunning. Para uma melhor compreensão do tema buscarei pesquisas já realizadas com idosos tanto no Brasil como em outros países.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Congresso. Senado. Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003. Estatuto do Idoso. Brasília-DF, 2003.

CACHIONE, Meire. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1999.

DOIMO, Leonice Aparecida; DERNTL, Alice Moreira; LAGO, Olival Cardoso do. O uso do tempo no cotidiano de mulheres idosas: um método indicador do estilo de vida de grupos populacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1133-1142, jul/ago. 2008.

DUMAZEDIER, Joffre. **A revolução cultural do tempo livre**. Tradução e revisão técnica Luiz Octávio de Lima Camargo. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. Tradução Maria de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difusão Editorial, Lda., 1992.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982 – 1983). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

GOMES, Christianne Luce. Lazer – Concepções. In: GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.119 – 125.

MARCELLINO, Nelson C. **Lazer e Educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Georg Simmel**: sociologia. Trad. De Carlos Alberto Pavanelli et al. SP: Ática, 1983. p. 165 – 181.